

15º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2024

O PROJETO COLOREAFRO NO IFSP/SALTO: A EDUCAÇÃO ANTIRACISTA

KETELLYN MONIQUE SILVA¹, MURILO DE CAMARGO BORGES², LEONARDO BORGES
DA CRUZ³, CATHIA ALVES⁴

1 Estudante do Ensino Médio Integrado, IFSP, Campus Salto, ketellyn.s@aluno.ifsp.edu.br

2 Estudante do Ensino Médio Integrado, IFSP, Campus Salto, murilo.borges@aluno.ifsp.edu.br

3 Docente de Sociologia, IFSP, Campus Salto, professorleo@ifsp.edu.br

4 Docente de Educação Física, IFSP, Campus Salto, cathiaalves@ifsp.edu.br

RESUMO: O projeto Coletivo ColoreAfro comemora, em 2024, dez anos de existência, destacando seu contínuo envolvimento de docentes e servidores(as) do campus Salto em ações de combate ao racismo e valorização das histórias pessoais. O coletivo visa renovar e ampliar ações que impactaram positivamente a socialização, autoestima e protagonismo dos participantes, promovendo a educação antirracista e a valorização das culturas afrodiáspóricas. O contato virtual pelo Instagram @coloreafro permite um alcance global da educação antirracista, além da proposta estar alinhada com a visão do IFSP, que vai além do cumprimento de leis de combate ao racismo, assumindo o compromisso de formar cidadãos conscientes das diversidades. Para celebrar os dez anos, o Coletivo propõe atividades voltadas à comunidade externa, principalmente o público do EJA, e oficinas em escolas públicas, em parceria com o município saltense, além de ações com a comunidade interna do campus. As oficinas incluem artefatos culturais, filmes e músicas, acompanhadas de dinâmicas que promovem a diversidade de histórias e questionam estereótipos. O projeto também segue os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente o item cinco: “Igualdade de gênero”, com ênfase nas mulheres negras e sua luta por autonomia. Em 2024 foi feito um atendimento ao EJA, apresentação no evento IF na Biblioteca e encontros internos com leitura de textos e dinâmicas.

PALAVRAS-CHAVES: Antirracismo; Igualdade; Cultura.

ABSTRACT: The ColoreAfro Collective project celebrates, in 2024, ten years of existence, highlighting its continuous involvement of teachers and employees of the Salto campus in actions to combat racism and value personal stories. The collective aims to renew and expand actions that positively impacted the socialization, self-esteem and protagonism of participants, promoting anti-racist education and the appreciation of Afro-diasporic cultures. Virtual contact via Instagram @coloreafro allows for a global reach of anti-racist education, in addition to the proposal being aligned with the vision of the IFSP, which goes beyond complying with laws to combat racism, making a commitment to forming citizens aware of diversity. To celebrate For ten years, the Collective has proposed activities aimed at the external community, mainly the EJA public, and workshops in public schools, in partnership with the municipality of Salta, in addition to actions with the internal campus community. The workshops include cultural artifacts, films and music, accompanied by dynamics that promote the diversity of stories and question stereotypes. The project also follows the Sustainable Development Goals (SDGs), especially item five: “Gender equality”, with an emphasis on black women and their fight for autonomy. In 2024, EJA was attended to, presented at the IF event at the Library and internal meetings with reading of texts and dynamics.

KEYWORDS: Antiracism; Equality; Culture.

INTRODUÇÃO

Em 2024, o Coletivo ColoreAfro comemora dez anos de dedicação à luta contra a discriminação racial e pela promoção das culturas afrodiáspóricas. O projeto tem sido sustentado pela participação ativa de servidores e estudantes do campus Salto desde sua fundação, promovendo um ambiente de compreensão acadêmica e combatendo o racismo em várias facetas.

O aniversário de dez anos do Coletivo oferece a oportunidade de renovar e expandir as ações que têm melhorado a socialização, autoestima e protagonismo dos participantes. Em linha com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que se centram especificamente na igualdade das mulheres e no empoderamento das mulheres negras, este projeto atuou na promoção da educação antirracista através da divulgação do trabalho e da história de Chimamanda Ngozi. As atividades realizadas foram uma exposição sobre as obras da autora no evento “IF na Biblioteca” e uma oficina ao EJA que também articulou dinâmicas antirracistas.

O coletivo atualmente tem dois bolsistas e um grupo de servidores e ex -alunos. Também foi realizada sensibilização no campus por meio de encontros e estudos de alguns textos sobre a temática. E ainda, o projeto reforça a importância e aplicabilidade da lei 10.639/2003 na educação básica.

MATERIAL E MÉTODOS

Como estratégia metodológica, recorreremos à técnica do relato de experiência a partir da sistematização dos encontros feitos entre bolsistas, voluntários(as) e gestoras da ação, com base nos registros e anotações. Para organizar e sistematizar as observações utilizamos a análise de conteúdo a partir da revisão da literatura, sobre as produções do projeto até o momento (Bardin, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho começou com reuniões de orientação para fornecer referências sobre o tema do projeto, permitindo que os bolsistas ampliassem suas habilidades. Essas reuniões ocorreram tanto dentro do grupo quanto com servidores responsáveis e especialistas no assunto, criando um ambiente onde as pessoas aprendem juntas e compartilham informações. Após essa fase de preparação, os bolsistas se tornaram mais envolvidos no planejamento da agenda de trabalho; eles escolheram temas de estudo e planejamento que atendiam ao público-alvo do projeto.

A principal obra escolhida para atuarmos num processo de educação antirracista, foi a obra de Chimamanda.

Chimamanda (2019) chama nossa atenção para o fato de que não costumamos seguir nossos desejos e vontades por estarmos mergulhados profundamente em padrões. Dito isso, faz muito sentido trazermos para discussão e reflexão “O perigo de uma história única”. Essa obra foi veiculada por meio do TED TALK (um dos mais vistos em: <https://youtu.be/D9Ihs241zeg?si=sdoU5SpLqbKzzulF> com mais de 36 milhões de acessos).

"O perigo de uma história única" é uma versão da primeira fala feita por Chimamanda no programa TED Talk, em 2009. O texto cultural é um artefato que divulga e ensina sobre não seguirmos padrões e termos consciência de que as histórias não são únicas e também são incompletas. Para

Chimamanda (2019) as histórias importam para humanizar e gerar autonomia (empoderamento). A autora é uma contadora de histórias que começou a ler muito cedo, é nigeriana, oriunda de um lar estável, com condições de classe que podem ser consideradas medianas, é também filha de pais estudados. Segundo ela relata, a família nigeriana convencional e de classe média.

Chimamanda nasceu em 1977, na cidade de Abba, no estado de Anambra, mas cresceu na cidade universitária de Nsukka, no sudeste da Nigéria, local onde fica a Universidade da Nigéria. Seu pai foi professor de Estatística na universidade, e sua mãe trabalhou como secretária na mesma universidade. Ao completar dezenove anos, Chimamanda se muda para os Estados Unidos. Depois de estudar na Universidade Drexel, na Filadélfia, ela se transferiu para a Universidade de Connecticut, fez estudos de escrita criativa na Universidade John Hopkins de Baltimore, e mestrado em estudos africanos na Universidade Yale. Quanto às suas obras, seu primeiro livro foi *Purple Hibiscus* (Hibisco roxo) (2003). A segunda foi *Half of a Yellow Sun* (Meio sol amarelo), assim chamada em homenagem à bandeira da Biafra, e trata de antes e durante a guerra de Biafra (2006), entre outras obras publicadas (CHIMAMANDA, 2019).

Ao escolher “O perigo de uma história única”, que traz questionamentos sobre a visão que temos dos outros, dos outros países, de outras culturas, que refletem muitas vezes, uma única visão de pobreza, uma única visão sobre África, entre outras coisas, e que acabam por refletir e reforçar práticas racistas, identificamos que podemos ter a obra como dispositivo inicial para divulgar questões sobre raça e gênero, atravessadas pela interseccionalidade.

Ao abordar a interseccionalidade, trazemos Lélia, como grande referência.

Lélia Gonzalez (2019), uma importante intelectual negra até pouco desprezada na academia, opera com duas noções que nos levam a compreender as relações entre o racismo e o sexismo na experiência da mulher negra. Ela elege as noções de consciência e de memória. No que diz respeito à consciência, a autora afirma que está relacionada ao lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do não saber. E a noção de memória como esquecimento, do não saber sobre o que se conhece, sobre uma história que não foi escrita, mas que representa um lugar de emergência da verdade. “A consciência exclui o que a memória inclui” (GONZALEZ, p. 28, 2019).

Entre tantos contextos e cenários das questões raciais, de gênero e de classe, são as noções de consciência e memória que conduzem a tecnologia do silenciamento, do embranquecimento que narra as histórias e produzem discursos que se fixam como regimes de verdade. Mas como diz Lélia Gonzalez (2019), a memória é astuta, tem jogo de cintura e opera pelas mancadas do discurso da consciência, e nesse jogo dialético, entre consciência e memória, a crioula dança, fala, reverbera e resiste.

Entretanto, há um jogo de tensões dialeticamente orquestrado em que mesmo pessoas negras com boa formação aderem ao modo colonialista de existir. “Quando comecei a escrever, por volta dos sete anos, eu escrevia exatamente os tipos de histórias que eu lia. Todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis. Eles brincavam na neve, comiam maçãs. E eles falavam muito sobre o tempo, em como era maravilhoso o sol ter aparecido, apesar do fato de eu morar na Nigéria” (CHIMAMANDA - TED, 2009).

Assim, realizamos até o momento uma exposição sobre a obra da Chimamanda, no evento IFemAção no aniversário da cidade de Salto. A difusão de informações e a interação direta com vários públicos foram os objetivos desta participação. E fizemos uma participação em uma oficina do EJA (Educação de jovens e adultos) com uma turma parceira do Instituto, junto ao projeto Banca da Ciência.

Atualmente o coletivo *ColoreAfro* está retomando suas atividades e ações, conta com dois bolsistas e um grupo grande ex-alunos e alguns servidores e servidoras.

Para o mês de novembro está programado, encontros, cine debate e um sarau.

CONCLUSÕES

Logo, para esse projeto, entendemos que ao eleger a interseccionalidade de gênero, raça e classe para iluminar os contextos de lazer, indicamos que o termo classe está associado às minorias sociais e ao alargamento das oportunidades de condições de acesso para uma vida econômica menos desigual. A categoria raça, é posta como uma forma de demarcar um campo e ser antirracista; e gênero é uma categoria que envolve os temas da sexualidade, dos desejos, da orientação sexual e das identidades. O atravessamento das três temáticas incide na valorização da vida e na igualdade de direitos (ALVES, 2021).

Notamos que os participantes e voluntários do ColoreAfro destacam a importância de ter a oportunidade de se envolver ativamente nas ações do coletivo, aprendendo sobre comunicação, disciplina e protagonismo, além de vivenciarem novas experiências que enriquecem suas trajetórias e reforçam sua identidade e cultura.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Todos os autores contribuíram com a revisão do trabalho e aprovaram a versão submetida.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa Institucional de Bolsas da Coordenadoria de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - campus Salto.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALVES, Cathia. O cruzamento com as interseccionalidades de raça, gênero e classe: artefatos culturais e o lazer. In: CHAVES, Elisângela; ISAYAMA, Hélder F.; BAHIA, Mirleide C. **Os Estudos do lazer, ócio e recreação na Iberoamérica** [livro eletrônico] – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: HOLLANDA, Heloisa B. (org). **Interseccionalidades: pioneiras no feminismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

TED. **Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história**. Chimamanda Ngozi Adichie, July 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?utm_campaign=tedspread&utm_medium=referral&utm_source=tedcomshare>. Acesso em: 12 mar. 2024.